

O conhecimento prévio na compreensão de manchetes ambíguas

Alexsandro da Silva Junior

Tania Mikaela Garcia Roberto ()*

Introdução

Leitura do letreiro de ônibus, da receita culinária, do manual de instruções, do anúncio publicitário, do jornal, enfim, tantas são as atividades corriqueiras as quais evidenciam a relevância do domínio de leitura em uma cultura letrada, de modo que sua ausência prejudica a integração plena do indivíduo na organização social. A compreensão de tão diversificados gêneros textuais é, dessa maneira, uma atividade inerente ao ato de ler e demanda que o leitor mobilize suas competências cognitivas para que a interação com o autor e o texto se efetive.

O objetivo deste estudo é analisar a compreensão textual de 26 alunos do último ano do Ensino Médio, para que se possa discutir a importância das habilidades cognitivas envolvidas na leitura, com ênfase no conhecimento prévio. Para tanto, escolheu-se trabalhar com a interpretação de manchetes jornalísticas que apresentam enunciados ambíguos, tendo em vista observar se os conhecimentos que os participantes possuem lhes são suficientes para compreender os títulos jornalísticos.

Este artigo, portanto, justifica-se ao permitir uma reflexão acerca dos processos mentais inseparáveis da leitura, considerando a compreensão de alunos do 3º ano do Ensino Médio, já que muito se tem discutido a respeito das dificuldades apresentadas pelos aprendizes nos anos finais do processo de escolarização, quanto à compreensão textual.

Habilidades cognitivas envolvidas na leitura

[A leitura é] um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é,

(*) *Alexsandro da Silva Junior* é graduado em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: alexsilvauftrj@gmail.com. *Tania Mikaela Garcia Roberto* é professora associada de Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: mikaela@ufrj.br.

portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo (Leffa, 1996, p. 10).

Como sugere Leffa (1996), a leitura é um exercício de compreensão em que se pressupõe a interação entre o sujeito autor e o sujeito leitor e, para tal, é imprescindível que o conhecimento prévio lhes seja recíproco. Além do mais, nesse pacto de cooperação mútua, o leitor deve recorrer às suas habilidades cognitivas com vistas a captar o que o autor quis dizer e o que quis deixar implícito no texto, alcançando, assim, o propósito da interação verbal em questão.

Nessa direção, Kleiman (2008) acrescenta que a leitura “[...] se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da sua vida”. Em vista disso, associar significações às palavras, aos enunciados e, conseqüentemente, ao texto implica ativação de operações metacognitivas, a fim de que ao leitor sejam dadas “ferramentas” que o auxiliem na realização não apenas de inferências, mas também, de antecipações a respeito da mensagem, uma vez que “o leitor constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto: ele procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, utilizando estratégias baseadas na sua vivência sociocultural” (Kleiman, 2008).

A atribuição de sentidos aos conceitos de mundo torna, por conseguinte, indispensável a interação entre os diversos níveis do conhecimento dos quais a maioria dos seres humanos é dotada (excetuando casos em que o indivíduo apresente algum distúrbio que comprometa suas capacidades cognitivas). Assim sendo, o *conhecimento linguístico*, o *conhecimento textual* e o *conhecimento de mundo* são fundamentais na leitura, em razão de auxiliarem o leitor no trabalho de desvendar as pistas textuais, tornando então o ato de ler um “processo interativo” na sua complexidade.

O conhecimento linguístico diz respeito ao saber implícito que ajuda o “usuário” da língua nos diferentes contextos em que se necessita usá-la; engloba, pois, o conhecimento das regras que lhe permitem reconhecer, por exemplo, quando há uma inadequação no uso da linguagem. Já o conhecimento textual se refere ao conhecimento dos variados gêneros textuais que requerem leituras detidas em aspectos como configuração estrutural, público-alvo, propósito comunicativo, etc. Por último, o conhecimento enciclopédico, de mundo ou não linguístico abrange as experiências socioculturais vivenciadas pelo leitor, as quais são

trazidas para a compreensão textual. Toda essa gama de conhecimentos e informações viabiliza, por isso, a atribuição de significações ao texto.

Ademais, concomitante à leitura, tem-se também a realização de *inferências*. De acordo com Dell’ Isola (2001), “A inferência é um processo cognitivo que [...] não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os ‘vazios’ textuais”. Portanto, uma compreensão textual “eficiente” ou que melhor atenda aos objetivos da relação socioverbal torna necessária a atuação desses níveis do conhecimento, já que, do contrário, acarretará dificuldades à interpretação. É necessário atentar para o fato de que a leitura proveitosa e reflexiva não está em conformidade com

O mero passar de olhos pela linha [...], pois leitura implica uma atividade de procura pelo leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes à compreensão de um texto, que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar (Kleiman, 2008).

Cabe salientar, também, que o gênero textual notícia e, por conseguinte, a manchete (foco deste artigo), mobilizam estratégias de leitura detidas em aspectos diferentes dos que, por exemplo, necessitariam ser olhados com maior atenção na interpretação da charge, da piada, do artigo de opinião, do poema, etc. A leitura da categoria em questão, dessa maneira, requer apoio no contexto imediato para que o texto se torne significativo ao seu leitor, de modo que não se podem desconsiderar seus fatos anteriores.

Além disso, ao considerar a ambiguidade em enunciados, é preciso atentar para que o sentido que cada leitor atribui à mensagem está intimamente relacionado às suas diferentes bagagens culturais. Tem-se que tal atividade é uma experiência particular para ele, por isso, a compreensão de cada um é única.

É, por fim, inegável que há fatores extralinguísticos os quais atuam no processo de compreensão leitora. Consideremos a tarefa de compreensão de uma notícia qualquer, logo, é evidente que um leitor com insuficiente domínio do código escrito, desconhecimento das características funcionais e estruturais do gênero, assim como limitações quanto ao conhecimento de mundo não terá uma leitura tão proveitosa quanto a que poderia ser apreendida por um leitor altamente letrado. Fica, pois, evidente que lacunas concernentes ao

conhecimento prévio, textual e linguístico significarão dificuldades que distanciarão o leitor da compreensão adequada.

A categoria *manchete* do gênero textual *notícia*

Os sentidos associados à noção *gênero textual* são variados, visto que tal falta de consenso decorre de os textos não serem estáveis. Em outras palavras, podem-se apresentar no formato de um determinado gênero, contudo, não se “comportar” como tal e vice-versa. Para efeito de exemplificação, considerem-se poemas com títulos alusivos a “receita do amor, torta da amizade, bolo da paixão”, cujos versos apresentam a estrutura de uma receita (tipo textual injuntivo), mas nem por isso deixam de ser textos poéticos.

A definição de Marcuschi (2005, grifos do autor), segundo a qual o termo se refere aos “[...] *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características *sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”, é a mais consoante com a linha de estudos adotada. Desse modo, essa noção está relacionada aos diferentes textos, orais ou escritos, tais como bilhete, telefonema, *outdoor*, aula expositiva, etc. É relevante mencionar que as atenções neste artigo estão voltadas para a notícia e, conseqüentemente, para a categoria manchete. Lustosa, citado por Baronia *et al.* (1996), a define assim: “notícia é a técnica de relatar um fato”, como também “[...] é o relato do fato, não o fato”. O propósito comunicativo desse gênero é informar seu público-alvo a respeito dos acontecimentos relevantes aos interesses da sociedade. Na linguagem, como ressalta Martins (1997), prevalece a variedade padrão da língua, sem se desviar do universo vocabular dos seus leitores.

Em geral, não só a capa do jornal, mas também as notícias apresentam manchetes que, de acordo com Gradim (2000, p. 68), “[...] anunciam o texto jornalístico que encabeçam, e são aquilo que em primeiro lugar o leitor aprende quando se debruça sobre as páginas de um jornal”. Ainda segundo o mesmo autor, os títulos exercem as funções de “informar, cativar, prender o leitor, despertando sua atenção e curiosidade”, incitando, por isso, a leitura da informação.

Embora sejam interpretados como adornos, Guimarães (1995, p. 51) pondera que “[...] os títulos não são meros artifícios publicitários, mas chaves para a descodificação da mensagem, se convenientemente propostos. Enunciados sucintos de qualquer mensagem, sua interpretação deve ser integrada numa leitura global”. Em outros termos, as manchetes

figuram resumos constituídos pelo núcleo semântico do texto que, mais que “embelezar” a informação, têm a função de oferecer indicações textuais ao leitor com vistas a facilitar sua compreensão.

Ambiguidade

A ambiguidade, conforme explanam Charaudeau e Maingueneu (2006, p. 35), é um fenômeno relacionado à discursivização de um enunciado. Esse efeito se produz quando uma mesma sentença assume mais de um sentido, o que pode causar várias interpretações logicamente possíveis. A ambiguidade é, portanto, a propriedade que um enunciado ou um texto verbal ou não verbal têm de apresentar dois ou mais significados.

Ilari (1997) amplia essa percepção ao pensar em ambiguidade semântica toda vez que:

[...] diante de duas ou mais interpretações possíveis para um mesmo enunciado, nos colocamos, por assim dizer, numa perspectiva de dicionaristas e não de usuários, isto é, atribuímos às diferentes alternativas de interpretações que se abrem diante de nós às *próprias expressões*, não ao seu uso [...]. (Ilari, 1997, grifo do autor).

Explicitando a compreensão proposta pelo autor citado, analisa-se a sentença: O cachorro que estava desaparecido foi encontrado próximo ao banco. O vocábulo “banco” apresenta dois significados básicos: (1) móvel em que se senta; e (2) instituição financeira. Dessa forma, diante de duas possibilidades de leitura, não se pode atribuir-lhe um desses sentidos quando não há informações (extratextuais) do contexto em que ela se insere, uma vez que é esse que orienta a atribuição de significados às palavras.

Conforme Carneiro (2001), a ambiguidade pode ser polissêmica ou estrutural. A primeira, como se observou no exemplo dado, ocorre pelo emprego de vocábulos que apresentam mais de um sentido. A segunda decorre, por outro lado, de mais de uma possibilidade de se estabelecer relações sintáticas entre os elementos da sentença (tal qual se verá na estrutura das manchetes usadas neste estudo). Dito de outra forma, é a construção frasal que provoca a duplicidade de sentidos, e não o emprego de uma palavra com mais de um significado.

Salienta-se que, quando se tem por referência a ambiguidade em manchetes jornalísticas, esse fenômeno pode ser resultado de falha na redação do enunciado, mas também intencional, à medida que se tem em vista despertar a curiosidade do leitor à leitura

da informação. A ambiguidade é, por consequência, um recurso de expressão recorrente em jornais populares.

Metodologia

A observação que fundamentou esta pesquisa contabiliza a participação de 26 alunos do 3º ano do Ensino Médio, aos quais foi endereçado um questionário contendo a reprodução de três manchetes (que apresentam ambiguidade), a saber:

(1) “Marina dá aval ao PSB para encaminhar sua candidatura” (*Época Negócios*, 16/08/2014)¹.

(2) “Macarrão levou Eliza Samudio para ser morta por amar Bruno, diz advogado do goleiro” (*UOL Notícias*, 13/01/2013)².

(3) “Russel Crowe vai se casar com namorada de 12 anos” (*UOL Notícias*, 15/12/2002)³.

Nessa atividade, solicitou-se aos participantes que procedessem com a leitura e a interpretação das manchetes. Ressalta-se que apenas os títulos jornalísticos lhes foram fornecidos. Ao optar por esse procedimento, visou-se constatar as leituras depreendidas, a fim de que, nas análises, fosse possível confrontá-las com o conteúdo informativo do texto. Dessa maneira, observar-se-ia se a presença da ambiguidade nas manchetes dificultaria a leitura dos enunciados ou se, ao contrário, os participantes conseguiriam realizar a tarefa sem maiores problemas, recorrendo às suas habilidades cognitivas.

Os questionários foram enviados por e-mail àqueles que se voluntariaram a participar do estudo. Observaram-se as respostas dadas pelos informantes e, em seguida, procedeu-se com a categorização dos dados, para que fossem comentados.

Análise e discussão dos dados

Manchete 1 – “Marina dá aval ao PSB para encaminhar sua candidatura”

A referida notícia informou a formação de uma nova chapa a qual viabilizaria a participação do Partido Socialista Brasileiro (PSB) na disputa presidencial após a morte do,

¹Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2014/08/marina-da-aval-ao-psb-para-encaminhar-sua-candidatura.html>> Acesso em: 29/07/2015.

² Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/01/13/macarrao-levou-eliza-samudio-para-ser-morta-por-amar-bruno-diz-advogado-do-goleiro.htm>> Acesso em: 29/07/2015.

³A notícia não está mais disponível no portal UOL Notícias, porém menções lhe são feitas em outros sites.

na época, candidato à Presidência da República, Eduardo Campos. A manchete, portanto, antecipava a informação de que Marina havia concedido permissão para que o pedido de registro de sua candidatura fosse encaminhado pela citada organização partidária.

A estrutura sintática dessa manchete, contudo, está formulada de maneira a permitir inicialmente duas compreensões do que se estaria relatando. Isso ocorre porque o emprego do pronome demonstrativo anafórico “sua”, no contexto em análise, permite fazer remissão tanto ao antecedente “Marina” quanto a “PSB”. Assim, a informação pode abordar a permissão da ex-ministra para que sua candidatura fosse encaminhada pelo partido, como também o aval dado por ela ao PSB para que a candidatura da legenda seguisse em frente.

Na atividade, a compreensão privilegiada (ocorrência de 85% das respostas), se revela em conformidade com o que notícia pretendeu reportar. Por conseguinte, a ambiguidade não se manifestou obstáculo à leitura, pois as interpretações indicam que os pesquisados recorreram às suas experiências culturais, articulando informações sobre o contexto em que o fato está circunscrito. A seguir, são destacadas algumas dessas interpretações:

Entende-se que Marina dá consentimento para que sua candidatura tome curso.

Ela precisou dar um aval ao partido para conseguir encaminhar a candidatura dela à Presidência da República.

Que Marina vai encaminhar sua candidatura para ela mesma.

Sem saber o que é “aval”, fica difícil responder... Não entendi nada!

Portanto, para a realização dessa leitura, além dos conhecimentos gramatical e textual, mostrou-se essencial ter conhecimento prévio do acidente aéreo que levou a óbito Eduardo Campos, postulante ao cargo de presidente da República; da necessidade de se definir um substituto do político dentro do partido para que a sigla pudesse disputar as eleições (nesse caso, Marina Silva); e, por fim, da autorização da ex-ministra para o registro de sua candidatura. Dessa forma, a ausência do conhecimento a respeito de fatos anteriores à notícia figuraria empecilho à compreensão da manchete. No entanto, um número considerável de participantes se revelou conhecedor dos antecedentes (85%).

A resposta dada pelo informante “C” despertou-nos atenção, visto que deixou entrever que, segundo ele, não saber o sentido de uma palavra (aval) é determinante para não

compreender o enunciado. De fato, desconhecer o significado de uma palavra dificulta a realização de inferências, contudo, seu sentido muitas vezes pode ser deduzido através da observação do contexto em que está inserida.

Manchete 2 – “Macarrão levou Eliza Samudio para ser morta por amar Bruno, diz advogado do goleiro”

Esta manchete trata da participação de “Macarrão” (Luis Henrique Romão) no assassinato de Eliza Samudio. De acordo com a informação, o amor que ele sentia por Bruno fez com que levasse a modelo ao local em que seria morta, conforme afirmou o advogado do ex-goleiro. Entretanto, não é apenas essa leitura que o enunciado possibilita, já que o sintagma “por amar Bruno” pode modificar tanto a forma verbal “levou” quanto “ser morta”. Assim sendo, é possível o leitor compreender que Macarrão amava Bruno, por isso levou a modelo ao local em que seria morta, como também que Eliza teria sido morta porque amava o ex-goleiro.

A leitura preferencial (ocorrência de 70%) direcionou os sujeitos de pesquisa ao entendimento de que a informação tratava do envolvimento de Luis Henrique Romão no assassinato da modelo a qual teria sido morta, já que amava Bruno. Apresentam-se, em seguida, algumas interpretações obtidas na atividade:

O advogado do goleiro Bruno afirma que o amigo (macarrão) armou uma emboscada para Eliza, e ela foi vítima tanto da violência quanto do seu amor por Bruno.

Macarrão não aceitava o fato de a Eliza amar o Bruno, por isso a matou.

Dá para compreender que o advogado apresenta hipóteses que provam que o cúmplice de Bruno, "macarrão", tenha matado Eliza Samudio por não gostar do fato dela amar Bruno.

O advogado fala que houve um assassinato, porque a jovem amava um homem.

Nesta leitura, o conhecimento sintático internalizado foi, mais até que o conhecimento prévio, preponderante para se chegar à compreensão correta. Em outras palavras, o participante estava diante de uma estrutura a qual necessita ser pensada em suas partes (sintagmas), para relacionar o sintagma verbal “por amar Bruno” ao agente Macarrão, e não à paciente Eliza. Portanto, o fato de a leitura privilegiada não estar em conformidade com as declarações do advogado assinalam não a falta de conhecimento do fato, e sim a dificuldade

dos participantes em desmembrar os sintagmas que compõem o enunciado de acordo com suas funções sintáticas.

Deve-se salientar que não está em discussão quem amava mais o goleiro, e sim o que é apresentado ao leitor pela estrutura da manchete, considerando as informações contextuais. O fato é que trata do amor de Macarrão por Bruno como causa da ação desempenhada por aquele. A preeminência de leituras segundo as quais era a mulher que amava o goleiro revela um juízo de valor, já que é mais incomum dizer que um homem amava outro (talvez a explicação por tal preferência).

Manchete 3 – “Russel Crowe vai se casar com namorada de 12 anos”

A informação a que o título jornalístico acima faz referência relata que o ator australiano Russel Crowe iria se casar com a namorada com quem mantinha um relacionamento há doze anos. No entanto, é provável que o leitor se depare com a seguinte dúvida: o relacionamento durava doze anos ou a namorada tinha doze anos? A ambiguidade instaurada na manchete ocorre em razão de o sintagma “de doze anos” (adjunto adverbial de tempo) poder significar não só período de duração do relacionamento, mas também idade da noiva.

Assim, diante de dois entendimentos dedutíveis, constatou-se que mais de 90% optaram pela leitura de que a notícia tratava do casamento do ator com uma menina de 12 anos de idade. Este foi, por conseguinte, um caso em que a ausência do conhecimento prévio contribuiu para que a ambiguidade implicasse dificuldades na compreensão.

Apresentam-se abaixo algumas interpretações feitas por eles:

Vai haver um casamento entre um adulto e uma menor de idade.

Russel Crowe irá se casar com uma menina de 12 anos de idade, o que não é nem um pouco normal para um homem da idade dele.

Um ator e produtor de cinema neolandês decidiu se casar com uma jovem de 12 anos, saindo um pouco dos padrões de casamento tradicional.

Entendo que Russel irá se casar com uma pessoa com quem namora há 12 anos.

Este é mais um dos exemplos que ilustra a necessidade de trazer para a leitura o conhecimento prévio, com vistas a driblar o duplo sentido. Isso porque qualquer uma das duas

leitura é válida, e a ambiguidade ainda permanece quando só são usados os conhecimentos textual e sintático, já que não se restringe a possibilidade de compreensão. Assim sendo, tal enunciado precisa ser pensado a partir de informações contextuais, as quais deveriam ser de conhecimento dos participantes, tais como: quem é Russel Crowe? Quem é a namorada? para orientá-los na compreensão do que lhes é informado.

De fato, é peculiar a opção por uma compreensão preferencial a qual, a princípio, despertaria estranheza no participante, dado que envolve um suposto casamento entre uma pré-adolescente e um homem bem mais velho. Não obstante, as interpretações obtidas se manifestaram fundamentadas, uma vez que se insinuou nas respostas que esse caso poderia fazer parte de outra cultura, na qual um acontecimento dessa natureza poderia não ser motivo para espanto. Também é recorrente que as leituras apresentam o posicionamento crítico dos participantes pautado em “padrões morais”, à medida que se enfatiza que tal união não é convencional. E, não menos importante, como já sinalizado, vale destacar a intenção provocativa do autor ao redigir uma manchete que gere mais de uma possível interpretação, justamente para envolver o potencial leitor na leitura do texto.

Considerações finais

Como pode ser observado, a ambiguidade só dificulta a compreensão de leituras adequadas ao contexto quando o leitor não dispõe de informações contextuais que lhe permitem desfazê-la. Na leitura de qualquer texto, como aconteceu com as manchetes, entram em jogo competências cognitivas que o auxiliam na compreensão. Entretanto, apenas os conhecimentos sintático e textual não restringem as possibilidades de interpretação que se abrem ao leitor. Assim, o conhecimento sociocultural será fundamental para que se esclareçam as dúvidas que ainda permanecem; a ambiguidade é, por conseguinte, solucionada a partir do momento em que o leitor traz suas experiências para a leitura.

No que se refere às atividades, deve-se ponderar que a ocorrência de leituras dissonantes do que se sucedeu não significa que os participantes não tenham domínio de leitura. Deve-se considerar que, ao se depararem com duas interpretações válidas, utilizaram seu conhecimento sintático internalizado, optando por uma leitura logicamente possível. Assim, tal resultado pode ser resultado da ausência de conhecimentos prévios a serem ativados para a uma leitura bem-sucedida.

Diante da importância dos processos mentais, principalmente do conhecimento prévio na leitura, fica evidente que essas competências precisam ser mais bem trabalhadas no âmbito escolar. Tal trabalho dá-se através do incentivo do contato dos alunos com gêneros textuais significativos às suas realidades, mediado por reflexões pautadas em suas funcionalidades sociais. Por isso, é imprescindível que a compreensão leitora também seja trabalhada como parte integrante do processo educacional.

Referências

- BARONI, Daniela *et. al.* **O gênero textual notícia**: do jornal impresso ao on-line. IX Encontro Nacional de História da Mídia UFOP. Minas Gerais, 2013.
- CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção**. São Paulo: Moderna, 2ª ed., 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2ª ed., 2006.
- DELL' ISOLA, Regina Lucia. **Leituras: Inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- GRADIM, Anabela. **Manual de jornalismo**. Covilhã/Portugal: Universidade da Beira Interior, 2000. Disponível em: http://www.labcom.ubi.pt/livros/labcom/pdfs/gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf. Acesso em: 19 ago. 2015.
- GUIMARÃES, Eliza. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 4ª ed., 1995.
- ILARI, Rodolfo. A noção semântica de ambiguidade. **Vereadas**: revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 1997.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 11. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- KLEIMAN, Angela; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.
- LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Orgs.). **Gêneros Textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.
- MARTINS, Eduardo. **Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Moderna, 1997.

Resumo: Este estudo parte do pressuposto de que a leitura é “atividade cognitiva por excelência pelo fato de envolver todos os processos mentais” (Kleiman; Moraes, 2003). Nesse sentido, tem-se por propósito refletir sobre a importância do conhecimento prévio em tal atividade, tendo como base uma tarefa de compreensão textual. O *corpus* em discussão é composto pelas interpretações depreendidas por 26 alunos do 3º ano do Ensino Médio em

uma atividade de leitura de manchetes ambíguas. Este trabalho visou também constatar se a possibilidade de mais de uma leitura implicaria dificuldade à compreensão da informação reportada. Os resultados obtidos evidenciam que, na maioria dos casos, a ambiguidade atrapalhou inicialmente a interpretação, no entanto, a significativa incidência de compreensões inadequadas ao contexto é decorrente de limitações concernentes à bagagem cultural dos sujeitos participantes.

Palavras-chave: Leitura. Compreensão textual. Processos mentais. Conhecimento prévio.

Abstract: This study assumes that reading is “cognitive activity for excellence because it involves all mental processes” (Kleiman; Moraes, 2003). In this sense, there is purpose to reflect on the importance of prior knowledge in reading based on an activity of text comprehension. The *corpus* of discussion is composed of interpretations inferred by 26 students of the 3rd year of high school in an exercise in reading ambiguous headlines. This study aimed too see if the possibility of more than one reading would imply difficult to understand the information reported. The obtained results showed that, in most cases, the ambiguity initially hinders interpretation, however significant incidence of inadequate readings context id due to limitations concerning the cultural background of the participating subjects.

Keywords: Reading. Text comprehension. Mental processes. Prior knowledge.

Recebido em: 5/11/2023.

Aceito em: 21/11/2023.